

Defesa como Resposta (ao) Possível: um estudo a partir das obras pré-psicanalíticas de Freud

*Defense as an Answer (to the) Possible:
a study from Freud's pre-psychoanalytic works*

*Defensa como Respuesta (a) posible: un estudio basado
en las obras pre psicoanalíticas de Freud*

*Nadja Barbosa Pinheiroⁱ
Mariana Pinheiro Pinhoⁱⁱ*

Resumo

Inserindo-se em uma pesquisa de mestrado cujo objetivo geral é investigar a formalização do conceito de defesa ao longo da obra freudiana pari passu à sua participação na integração e manutenção do Eu em face dos instintos e da cultura, este artigo visa apresentar os resultados da investigação inicial obtida pelo estudo dos artigos pré-psicanalíticos de Freud. Assim, inicia destacando a ideia freudiana sobre a presença de um conflito intrapsíquico a partir da qual ele sustenta as coordenadas para a constituição da etiologia das psiconeuroses de defesa. Em seguida, o artigo aborda o tema das defesas a partir da hipótese de que elas possuem uma importante participação na constituição do Eu. Por fim, expõe a ideia de que os textos da fase pré-psicanalítica já vinham apontando a função do ambiente como partícipe, ao lado das defesas, na gênese do Eu. Como conclusão, indica a necessidade de maiores estudos mais aprofundados acerca da importância da fantasia para a organização psíquica, uma vez que a entendemos como construções relacionadas a mecanismos defensivos.

Palavras-chave: *psicanálise; defesas; pré-psicanalíticos; Eu; Freud.*

ⁱ Universidade Federal do Paraná, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2927-6177>.
E-mail: nadjanbp@hotmail.com

ⁱⁱ Universidade Federal do Paraná, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2517-6507>.
E-mail: mariana@lfeipe.com.br

Abstract

*As part of a master's research whose general objective is to investigate the formalization of the concept of defense throughout Freud's work *pari passu* to its participation in the integration and maintenance of the ego in the face of instincts and culture, this article aims to present the results of the initial investigation obtained by studying Freud's pre-psychoanalytic articles. Thus, it begins by highlighting the Freudian idea about the presence of an intra-psychoanalytic conflict from which he sustains the coordinates for the constitution of the etiology of the neuro-psychosis of defense. Next, the article approaches the theme of defenses from the hypothesis that they have an important participation in the constitution of the ego. Finally, the article exposes the idea that the texts from the pre-psychoanalytic phase already pointed out to the function of the environment as a participant, alongside the defenses, in the genesis of the ego. As a conclusion, it indicates the need for further studies about the importance of fantasy for psychic organization, once we understand it as constructions related to defensive mechanisms.*

Keywords: *Psychoanalysis; Defenses; Pre-analytical; Ego; Freud.*

Resumen

*Insertándose en una investigación de maestría cuyo objetivo general es investigar la formalización del concepto de defensa a lo largo de la obra Freudiana *pari passu* a su participación en la investigación y mantenimiento del Ego en face a los instintos y la cultura, este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de la investigación inicial obtenida por el estudio de los artículos pre psicoanalíticos de Freud. Así, comienza destacando la idea de Freud de la presencia de un conflicto intrapsíquico, a partir del cual proporciona las coordenadas para la constitución de la etiología de las psiconeurosis de defensa.. Luego, el artículo aborda el tema de las defensas partiendo de la hipótesis de que tienen una participación importante en la constitución del Ego. Finalmente, el artículo expone la idea de que los textos de la fase pre psicoanalítica ya apuntaban al papel del medio ambiente en su participación, junto con las defensas, en la génesis del Ego. En conclusión, señala la necesidad de nuevos estudios sobre la importancia de la fantasía para la organización psíquica, ya que la entendemos como construcciones relacionadas con mecanismos defensivos.*

Palabras clave: *Psicoanálisis; Defensa; pre psicoanalíticos; Ego; Freud.*

Este artigo se situa como parte de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo geral é compreender como Freud, partindo dos achados de sua prática clínica, formulou a noção psicanalítica de defesa. Nesse sentido, Roudinesco e Plon (1998) ressaltam que a elaboração da ideia de defesa ocorre no contexto dos estudos sobre a etiologia da neurose histérica e, rapidamente, assume um papel discriminador entre os tipos de adoecimento mental: histeria (conversão); neurose obsessiva (substituições); paranoia (projeção).

Fróe e Camargo (2013) destacam que devemos notar que o estabelecimento da noção de defesa se deu como base de sustentação das manifestações clínicas da resistência apresentadas ao longo dos processos de tratamento desenvolvidos por Freud nesse período inicial de sua obra. Na opinião dos comentadores, essas observações oriundas da prática foram fundamentais para a emergência da psicanálise na medida em que engendraram os conceitos de recalque (pedra angular de toda psicanálise, como afirmou o próprio Freud em 1915) e de Inconsciente.

Roudinesco e Plon (1998) acrescentam que a ideia de defesa acompanha Freud ao longo de toda sua obra, demonstrando sua importância tanto teórica quanto clínica. Tal relevância permanece presente no âmbito psicanalítico após a morte de Freud, tomando significações distintas entre os analistas que o sucederam. Silva e Fontenele (2012-2013) acrescentam que as diferentes formas de compreensão teórica a respeito das funções e do estabelecimento dos mecanismos defensivos resultaram em diferentes modos de condução e manejo clínico psicanalíticos, adotados pelas diferentes escolas psicanalíticas (kleiniana, lacaniana, winnicottiana ou psicologia do ego).

Por um lado, se essas considerações destacam a importância da noção de defesa, por outro, alertaram-nos quanto à sua complexidade e à necessidade de executarmos um rigoroso percurso conceitual a respeito do tema. Tal constatação sustentou a abertura de uma pesquisa acadêmica sobre como se deu a elaboração e o desenvolvimento da noção de defesa ao longo da obra freudiana. Neste momento, nossa intenção é a de apresentarmos os resultados parciais de nossa pesquisa, destacando as considerações realizadas pelo autor em alguns de seus textos pré-psicanalíticos, mais especificamente, naqueles produzidos entre os anos de 1892 e 1899.

Em nossa investigação, partimos do pressuposto de que, ao longo de toda sua obra, o posicionamento dado por Freud sobre a defesa psíquica mostra-se extremamente relevante, uma vez que essa concepção é compreendida como um fundamental movimento realizado pelos indivíduos, tanto no sentido de se manterem a salvo de ameaças do mundo externo quanto preservados de pressões instintuais intensas (Laplanche & Pontalis, 2004).

Desse traçado inicial, pretendemos apresentar que a leitura atenta dos artigos iniciais de Freud nos permite indicar que neles há a percepção de que as defesas atuam no processo de constituição do Eu, bem como nas relações estabelecidas entre o Eu e o ambiente no qual ele se insere, tal como indicam Silva e Fontenele (2012).

Para tal, o artigo inicia pelo destaque dado por Garcia-Roza (1988) para a ideia freudiana sobre a presença de um conflito que o próprio Eu do indivíduo desconfia ser incapaz de solucionar. A razão do conflito, nesse primeiro momento, parece se situar na disparidade entre a memória de algum acontecimento real de natureza sexual, ocorrido em um período precoce da vida, e o senso de moralidade do indivíduo que se depara com essa lembrança na idade adulta.

Essa ideia freudiana parece indispensável para localizarmos as coordenadas do posicionamento das defesas em sua teoria e o estabelecimento das patologias denominadas, a partir desse momento, como as “Psiconeuroses de defesa” (Freud, 1894/1996). Em nossa perspectiva, essa noção sustentada por Freud nos auxilia na descrição dos mecanismos de defesas relacionados às diferentes patologias enunciadas em seus artigos destinados a elucidar essas psiconeuroses. Trata-se, portanto, de movimentos que explicitam atos defensivos contra conflitos de ordem moral identificados pelo Eu que se defende.

Em seguida, o artigo aborda o tema das defesas a partir da hipótese de que elas possuem importante participação na constituição do Eu. Contando com a orientação de Freud acerca da gênese do Eu, que culmina em sua concepção de um Eu que se posiciona ativamente na definição de

caminhos a seguir, pareceu-nos fundamental destacar a escolha que o Eu realiza a partir da desconfiança da sua própria capacidade de solucionar o conflito percebido.

Por fim, o artigo expõe a ideia de que os textos da fase pré-psicanalítica já vinham apontando a função do ambiente na constituição do Eu. Concebendo que a aquisição da moralidade pode ser vista, nesse ponto da obra freudiana, como parte dos processos educacional e cultural por ele descrito, a maneira com que o Eu opta por se defender parece refletir a intersecção entre a parcela individual de cada organismo e as impressões que ele irá receber do ambiente no qual está inserido.

Sustentando tais noções, o artigo indica que, nesse momento de sua obra, Freud nos apresenta um deslizamento da ideia de que as defesas são erigidas a partir de ameaças reais para sustentar a proposição de que as recordações relatadas por seus pacientes se referiam a construções mentais efetuadas ao longo de suas vidas, e não a memórias fidedignas de experiências concretas vivenciadas em suas infâncias. Assim, o autor abre espaço para as futuras investigações acerca da importância das fantasias, entendidas como construções relacionadas a mecanismos defensivos para a constituição do aparelho psíquico.

O QUE SURGE NOS PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE – DESDE O INÍCIO, O CONFLITO

Freud localiza, em suas primeiras correspondências para Fliess (1950[1892-1899]/1996), a percepção de que constantemente há, permeando a necessidade de apresentar defesas, um tipo de conflito. Apesar de ser conhecido o fato de que a ideia freudiana sobre conflito irá se modificar ao longo do desenvolvimento de sua obra, podemos indicar que, nesse primeiro momento de teorização, o autor percebe que se trata de um conflito de ordem sexual, vivido em um momento precoce da vida; o senso de moralidade desenvolvido pelo indivíduo, em idade posterior ao ocorrido, ressignifica o que ocorreu no momento infantil (Garcia-Roza, 1988).

Uma referência a essa constatação remonta a uma carta datada de 21 de maio de 1894, a Carta 18, para Fliess. Ela apresenta menção a quatro

aspectos fundamentais das estruturas que serão seguidamente nomeadas de neuroses: “degeneração, senilidade, conflito, conflagração”. A descrição dada pelo autor para o item listado como “Conflito” é a de que seria uma denominação alternativa à concepção de defesa (Freud, 1894/1996).

Segundo Strachey (1996) é no texto *As Psiconeuroses de Defesa* (Freud, 1894/1996) que Freud torna público o termo defesa pela primeira vez e desenvolve o que nomeia como uma atualização à teoria da histeria, com base nas observações até então realizadas. Em sua perspectiva, um processo de defesa é ativado pelo indivíduo para protegê-lo de lidar com um afeto “... tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo (p.55)”. Trata-se da necessidade de lidar com esse afeto que não encontra correlato, por intermédio da atividade de pensamento, com o mundo interno do indivíduo.

Desde a gênese do conceito de defesa, o autor indica a necessidade que o Eu manifesta de solucionar um tipo de conflito persistente entre sua constituição e algo do mundo externo, conflito factualmente insolúvel, o que tornaria o direcionamento para sua resolução um dispêndio energético sem sentido. Além disso, Freud toma essas concepções para postular estruturas que selecionam os conteúdos dos conflitos, buscando torná-los, a partir do que julgam insuportável ou incompatível, inacessíveis ao indivíduo. As exceções se mostram nos sinais que advêm de falhas no processo de manter esse conflito oculto dos processos conscientes (Freud, 1894/1996).

Ao avançar em sua pesquisa, o autor irá apontar o fato de que, visando à resolução desses conflitos, o organismo irá chegar a formações de compromisso, a partir das quais, conforme será descrito, são estabelecidos termos nos quais seria possível sanar, ao menos em parte, esses embates.

Em *Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa*, de 1896, Freud retoma a temática das defesas e, sustentando-se sobre maior número de casos, torna-se capaz, nesse segundo texto, de confirmar e detalhar conteúdos inaugurados em seu primeiro artigo. Garcia-Roza (1988) observa que, nesse momento, ainda sem realizar uma distinção entre os termos defesa e recalque, Freud passa a discutir as defesas como núcleo das neuroses de defesa, seguindo com um detalhamento de sua gênese. Para a histeria, Freud destaca o papel das lembranças de situações traumáticas de estimulação, na forma de algo de significado sexual, ocorridas em uma idade

prematura, que ressurgem em um momento de maturidade sexual em que tais memórias podem ser devidamente interpretadas. No caso da histeria, portanto, a defesa seria contra a rememoração de uma sedução sofrida, com caráter passivo, em idade anterior à da maturidade sexual. Já na neurose obsessiva, essas rememorações parecem trazer a marca de uma posição ativa por parte do indivíduo, sendo ele o perpetrador da sedução, ou tendo obtido prazer em uma relação sexual precoce. Dessa maneira, mostrou-se ser o fator da passividade ou o da atividade relacionados à atividade sexual precoce a diferença entre o adocimento histérico ou o obsessivo. Enquanto os pacientes histéricos descreviam cenas passivas, os neuróticos obsessivos relatavam cenas nas quais haviam praticado movimentos com intenção sexual, ou experimentado prazer pela realização de atos dessa natureza.

Freud (1896/1996) se dedica a descrever como funcionaria a neurose obsessiva a partir da formação dos processos de defesa. Ele apresenta o que tratará, a partir desse ponto, como sintomas de compromisso, o tipo de manifestação que surge no processo de neurotização das defesas como resposta à desconfiança do Eu acerca de sua própria capacidade de reagir ao evento desencadeante. Essa desconfiança do Eu entra em ação com o fracasso da tentativa de recalçamento e deflagra “. . . um colapso da defesa originalmente alcançada” (Freud, 1896/1996, p.171), a partir do qual se produz uma série de sintomas que possuem como função mediar as duas linhas distintas de pensamento inauguradas diante de um conflito percebido pelo Eu, e escolhe uma ou outra maneira de se defender. Aqui surge a diferenciação entre defesa e sintoma, este sendo característico da instauração das psiconeuroses de defesa, em que: “A conscienciosidade, a vergonha e a autodesconfiança são sintomas dessa espécie [de compromisso], que dão início [na neurose obsessiva] ao terceiro período – período de aparente saúde, mas, na realidade, de defesa bem sucedida”, que culminaria, então, no “. . . retorno das lembranças recalçadas – isto é, pelo fracasso da defesa” (Freud, 1896/1996, p.169).

Com o retorno do que havia sido previamente recalçado, em forma de sintomas de autoacusação e diversos tipos de deslocamentos, existe uma tentativa do Eu de voltar à coerência que acreditava possuir, corrigindo, por meio de ações obsessivas, os pensamentos e atos reprováveis que identifica.

Partindo dessa concepção freudiana sobre a função das defesas na construção das neuroses histérica e obsessiva, formulamos a hipótese de que a percepção do conflito e a maneira desenvolvida pelo indivíduo para manejá-lo é o que dará início ao processo de integração do Eu. Em consequência, tal processo, concomitantemente, impelirá o Eu a reconhecer sua existência em um ambiente externo e a desenvolver maneiras pessoais de, com ele, relacionar-se.

Logo, a percepção do conflito pelo Eu, sua integração e a percepção de existência diferenciada de um ambiente externo são movimentos que ocorrem de modo simultâneo e constante durante os primórdios da constituição subjetiva.

A INTEGRAÇÃO DO EU

De posse do conhecimento do funcionamento e da participação do Eu tanto na construção de defesas quanto na seleção do material do qual deve se defender, surge o questionamento acerca do momento a partir do qual essa prática se originou. Houve um primeiro movimento defensivo? É possível datar o início do processo de integração do Eu?

Freud irá partir da percepção de que houve um processo de educação, inicialmente dirigido por um estado de expectativa, no qual existe um organismo primitivo que busca a constante repetição do prazer. A partir desse estado de expectativa, inaugura-se a constituição do aparelho psíquico. Gradativamente, e com o auxílio de seu meio, esse organismo senciente assume as primeiras percepções de que é necessário realizar escolhas que garantam a manutenção de sua existência.

A aparição do que, paulatinamente, irá se integrar em um Eu leva a considerar que existe grande lógica no movimento de evitar o desprazer, que figura, em conjunto com a busca pelo prazer, no pêndulo da constituição psíquica. Uma vez que investir além de certa medida na busca desejante poderia fixar o indivíduo (como eventualmente ocorre) em uma ocorrência alucinatória, incompatível com a manutenção da vida; o sucesso em se

manter em um nível de obtenção de prazer e evitação de desprazer delimitado representaria a possibilidade de manutenção de um grau de satisfação compatível com a vida (Sanches & Bocchi, 2021).

Derivando desse primeiro processo educacional, Freud apresentou o que ele denomina de primeira regra biológica, maneira de aprendizado do sistema nervoso, regra que ele nomeia como regra da defesa primária. A partir dela, o autor busca orientar a “aquisição biológica do sistema nervoso” (Freud, 1950[1895]/1996, pp.425-426) como relacionada às experiências de prazer e desprazer. De acordo com essa percepção, constituem-se as defesas primordiais do indivíduo, que se volta, constantemente, a evitar o desprazer, entendido aqui como movimento fundamentalmente voltado à manutenção da existência (Silva & Fontenele, 2024).

Freud, nesse artigo, chega a comparar a aquisição da primeira regra biológica do sistema nervoso ao movimento de extensão de pseudópodes de uma ameba, ressaltando o processo de reconhecimento do ambiente como fundamental para se construir uma diferenciação entre externo e interno.

A segunda regra biológica, relacionada à atenção, também parece contribuir para o processo de construção de defesas, uma vez que, ao qualificar aqueles pensamentos aos quais dirige atenção, complementando essa “testagem de ambiente” com a seleção do que deve ou não ser valorizado nele, o mecanismo neuronal também pode dar vazão às suas formas, mais complexas, de desviar-se do desprazer.

Assim, esses processos primários de aquisição de informações a respeito do ambiente circundante irão auxiliar o organismo em seu processo de crescimento, favorecendo os movimentos de contato com a realidade externa, que visam à aquisição de recursos para a fruição e a constituição de maneiras de defender-se das interferências desse mesmo ambiente na manutenção do equilíbrio do organismo (Garcia-Roza, 1991).

DEFESA PRIMÁRIA – O AMBIENTE QUE DETERMINA E É DETERMINADO PELO INDIVÍDUO

Castiel et al. (2012) informam que, como primeiro movimento defensivo do aparelho psíquico, o conceito de defesa primária surgiu na

13ª sessão de seu “Projeto para uma Psicologia Científica”, no qual Freud (1950 [1895]/1996) tematizou as noções de afetos e de estados de desejo. Nessa sessão, Freud irá realizar a descrição das defesas primordialmente erigidas e como se encontram vinculadas primitivamente às experiências físicas de dor e satisfação. Assim, o autor irá destacar que, diante de uma percepção diferente da homeostase originalmente experimentada, o organismo sentirá a necessidade de reagir, defendendo-se e buscando restaurar sua condição anterior. Esse primeiro movimento defensivo dará origem, a partir das percepções do organismo e aos esforços mobilizados na direção de retorno à condição inicial, aos afetos e estados de desejo. Dessa constituição primária decorrerá a formação do próprio aparelho psíquico.

Segundo a proposição teórica do autor, essas primeiras sensações, percebidas após um evento prévio de total satisfação indiferenciada, impelem o organismo a buscar, no meio, formas de recuperar essa satisfação preteritamente percebida. Nesse momento, esse organismo ainda não se percebe como algo diferenciado do ambiente, interpretando os estímulos que ocorrem em seu próprio organismo em conjunto com o que se apresenta na externalidade.

Com o passar do tempo e a recepção de novas sensações desagradáveis, ocorre a percepção de que, além da busca pelo prazer, será necessário o dispêndio de certa dose de energia na evitação do desprazer, uma vez que ele pode significar a extinção do organismo. Tal evitação é nomeada por Freud como defesa primária.

Considerando-se a defesa primária, pode-se notar a tendência do aparelho psíquico em se manter estável, preservando um estado de vitalidade que parece ser conquistado na manutenção de uma homeostase do organismo. Além de visar a um estado de prazer, a busca por esse equilíbrio parece, igualmente, ser compreendida como uma via que objetiva um estado de não desprazer. Assim, as elevações de *quantum* energético são concebidas como, apesar de qualitativamente diferentes, excitações que perturbam o equilíbrio primevo, demandando, invariavelmente, sua descarga. Por um lado, Freud segue afirmando que, embora julgue a concepção da “atração

do desejo” ligada à fruição de prazer como uma noção de fácil concepção, por outro, definir em que consiste a defesa primária que visa à evitação de desprazer, revela-se uma tarefa mais complexa.

Visando expor essa complexidade, tratou-se, nesse momento da teorização freudiana, de conceber um modo de defesa primitivo que permite que o Eu abandone os afetos hostis primordialmente experimentados, como dor ou desconforto. Pode-se questionar, nesse ponto da pesquisa, se esse Eu ao qual o autor se refere pode ser considerado um Eu integrado, ou se, como seria factível conjecturar, não se trataria de uma estrutura em construção, visto que o aparelho psíquico adquire paulatinamente maior complexidade (Garcia-Roza, 1991).

Pensamos ser possível compreender esse abandono regular dos afetos hostis primitivos relacionando-os aos processos de facilitação/barreira apresentados pelo autor na mesma obra. Nesse sentido, processos como “estímulos, substituição, conversão e descarga” (Freud, 1950[1895]/1996, p.347) sugerem os movimentos do aparelho neuronal que tencionam a redução de desconforto no aparelho psíquico. Para Freud, em seu “Projeto...” (1950[1895]/1996), a escolha do Eu parece vinculada à hipótese de que existem “barreiras de contato” que irão favorecer a comunicação inerente aos neurônios, o que pode ser compreendido como um protótipo do mecanismo de defesa previamente apresentado (Garcia-Roza, 1988).

É possível considerar essas barreiras de contato como estruturas que irão criar uma espécie de “facilitação de caminho”, à medida que o aparelho psíquico for construindo suas experiências. A partir dessas construções, pode-se conceber que tais facilitações se tornam reações diante de situações específicas mais habituais, comparáveis com as respostas automatizadas, ou estereotipadas.

Ainda assim, não se trata apenas de estímulos externos que colocam em risco a homeostase que o aparelho mental busca. Isso porque, segundo o autor, à medida que a complexidade do organismo se eleva, seu sistema nervoso se especializa e passa a ser, ele também, gerador de estímulos, produzindo, dessa forma, uma quantidade de origem interna com a qual o indivíduo precisa igualmente lidar.

Freud também explica que, diante de circunstâncias nas quais a experiência do indivíduo eleva-lhe a percepção de desprazer, o sistema por ele denominado “psi” é capaz de produzir um contrainvestimento com potência equivalente. Erige-se, assim, uma defesa ante a iminência dessa sensação.

Temos a introdução, nessa mesma sessão, do que seria, então, nomeado de “Eu”, como organização possível diante das formações anteriores a essa constituição integrada. Freud define o Eu como “a totalidade dos investimentos ‘psi’ existentes em determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável” (Freud, 1950[1895]/1996, p.375). Com base nessa concepção, é possível admitir que esse Eu está sempre em constituição e afirmar que, por possuir um componente permanente, estrutura-se, na verdade, sobre uma constituição anterior à sua, a partir da qual assume, enfim, sua existência.

Ao nos apresentar a noção de afeto defensivo, o autor a descreve como uma “. . . defesa primária que consiste na inversão da corrente de pensamento assim que ele se depara com um neurônio cuja catexização libera desprazer” (Freud, 1950[1895]/1996, p.404). Tal afeto parece operar como uma cortina de fumaça que, pela atividade compulsiva, desvia o foco do Eu de elementos com os quais não é capaz de lidar por meio da atividade de pensamento.

Assumimos, portanto, que existe um risco identificado pelo Eu de não suportar um segundo contato com o afeto, uma vez que “. . . se recalcam lembranças que só se tornam traumáticas por ação retardada [grifo do autor]” (Freud, 1950[1895]/1996, p.410), e esse risco presumido é o que faz o Eu recalcar e deslocar – formas elaboradas de defesa do Eu – o afeto para um pensamento sem importância, visando garantir, com a sua recorrência, que não haverá espaço para a memória (dolorosa) do trauma.

Partindo dessas leituras, avançamos para a concepção de que existe um momento anterior, intenso ou prematuro, que será registrado como ameaçador e que parece colocar em risco a existência – percebido, portanto, como algo a ser rechaçado. O que parece ocorrer, no mecanismo das patologias, é uma antecipação exacerbada do momento de se defender, ou mesmo um não enfrentamento de situações cotidianas por temor de se deparar com as experiências demasiadamente intensas anteriormente registradas.

Enquanto um indivíduo intitulado por Freud (1950[1895]) de “normal” desenvolverá essas ideias com base em um processo educacional (cultural) rastreável, a partir do qual o autor destaca que “conferem individualidade ao ego”, nas histerias, essas ideias parecem não ter explicações para quem é por elas acometido, de modo que Freud as descreve como “intrusas, usurpadoras e, conseqüentemente, ridículas” (Freud, 1950[1895]/1996, p.402).

Especula-se que a constituição do Eu perpassa esse processo educacional, e que essa individualidade, pelo próprio Eu evidenciada e, por vezes, expressão sintomática, como no caso das histerias, serve como evidência de forte relação entre um tipo de defesa manifestado primordialmente e a própria constituição do Eu. Ideia esta também proposta por Fróes e Viana (2013) ao analisarem as relações entre a construção do conceito de Inconsciente e das defesas psíquicas nesses artigos inaugurais de Freud.

Nesse cenário, o artigo *O Mecanismo Psíquico do Esquecimento*, de 1898, mostra uma significativa transformação na pesquisa freudiana. Conforme tomamos conhecimento por intermédio do autor, essa mudança coincide com sua autoanálise. Utilizando-se do próprio inconsciente como fonte de obtenção de informações acerca do funcionamento psíquico individual e sua verificação pelo método de pesquisa da psicanálise, Freud indica a gênese da compreensão da presença da sexualidade infantil e das fantasias na constituição do aparelho psíquico.

Anzieu (1989), em seu estudo sobre a autoanálise de Freud, indica de forma cabal a importância desse processo autoanalítico para a constituição da teoria psicanalítica, pois, ao se posicionar não apenas como observador, mas também como objeto de sua técnica analítica, Freud verifica suas hipóteses acerca do material patológico a que tinha acesso em seu tempo e descreve como operam os mecanismos daquilo que passa a conceituar como o Inconsciente. Além disso, é capaz de constatar a importância das construções (operações) defensivas na constituição do Eu (Laplanche & Pontalis, 2004) e é desse modo que o autor consolida as defesas como parte fundante do Eu, considerando, igualmente, a presença de um ambiente cultural que apresenta suas regras à apreciação desse Eu.

Garcia-Roza (1991) informa que nesse movimento, o autor se distancia, finalmente, da concepção psicopatológica e, conforme verificamos nos desdobramentos da teoria, passa apenas a diferenciar quantitativamente as manifestações defensivas, agora consideradas comuns ao processo constitutivo individual.

O texto intitulado *Lembranças Encobridoras*, datado de 1899, introduz a percepção de que as proposições mnêmicas de seus pacientes talvez sejam, de fato, mais construções e menos memórias em relação ao que se acreditava até então. Com base nesse material e nos demais textos estudados, acreditamos que Freud, nesses escritos, vem, concomitantemente, centralizar as defesas na construção teórica de sua psicanálise e na constituição do Eu.

Nesses artigos pré-psicanalíticos, o movimento do recalque se produz, inicialmente, sobre a sedução. Ao retirar a factualidade dessas memórias e inserir a fantasia no seu lugar, somos convidados por Freud a considerar as possibilidades de atuação dessas fantasias no aparelho psíquico. Assim, fica a questão, a ser explorada posteriormente, sobre a possibilidade de concebermos também as fantasias, em relação ao circuito instintual, como elaborações de um processo defensivo, possivelmente arcaico.

Não sem razão, Roudinesco (2016) informa que a introdução da noção de fantasia por Freud em seu arranjo teórico foi um dos principais pontos a partir dos quais a psicanálise, como ciência, pôde ser instaurada na medida em que produziu o seu afastamento da neurologia, da psiquiatria e da psicologia de sua época – fato que, segundo Garcia-Roza (1988), foi o passo para fundar a realidade psíquica como primordial para o funcionamento e a organização da subjetividade como um todo.

Observamos, no entanto, que esse movimento de deslocamento operado por Freud, da teoria da sedução para o campo da fantasia, pode ser equivocadamente concebido como um processo inexorável de substituição da teoria da sedução por aquela inaugurada a partir da introdução da noção de fantasia. Porém, Monzani (2015), em seus estudos sobre esse momento da obra freudiana, traz à baila a questão de que essas duas teorias não se contradizem e não se substituem completamente. Do seu ponto de vista, elas são, de certa forma, complementares, ou seja, para o comentador, Freud

mantém a importância das vivências concretas como o ponto sobre o qual as fantasias infantis são construídas. Dessa forma, podemos concebê-las como representantes do mundo psíquico que entrelaçam a pulsão, o desejo e o mundo externo.

CONSIDERAÇÕES

O objetivo deste artigo foi compreender o percurso freudiano desde o encontro com as manifestações clínicas que despertaram seu interesse ainda no início de sua atuação até a formalização da noção de defesa para a psicanálise.

Para a realização desta pesquisa, tomamos como fonte artigos, rascunhos e cartas que integram o período compreendido como pré-psicanalítico, localizando, entre esses escritos, os que versavam sobre as manifestações defensivas descritas por Freud. Destacamos elementos centrais para o entendimento da noção de defesa edificada por Freud nesse momento teórico e detalhamos, ao longo do primeiro momento da nossa investigação, os seguintes aspectos: o conflito e seus desencadeamentos; a formação do Eu; a percepção de um ambiente e suas interferências na constituição do Eu.

Com base no pesquisado até o momento, é possível compreender que, muitas vezes, ocorre algum evento de grande impacto a pessoas que antes não apresentavam sinais de sofrimento mental. A partir da ocorrência desse evento, é produzida tamanha repercussão no aparelho psíquico, que o Eu se (re)encontra perante algo da ordem do insuportável. Essa situação deflagra uma experiência ou um sentimento que não condizem com sua estrutura interna – de maneira tão inconciliável, que existe um movimento de “escolha” por se esquecer deste evento. Trata-se de um movimento voltado a defender o Eu de algo que o próprio Eu não tem certeza de conseguir integrar.

Compreendemos que algo se (re)inaugura no (re)encontro com afetos que representam um conflito para o Eu e que, portanto, algum impacto progressivo já foi percebido pelo Eu analisado. Não seria compreensível haver uma desconfiança acerca da própria potencialidade sem haver algum ponto de rememoração a partir do qual acessar a manutenção ou o rechaço

do conflito apresentado. Existe um desvio, uma retirada de afeto, ou um desligamento deste, que irá consolidar esse processo defensivo. O processo de defesa se perpetua no momento em que o Eu transforma uma representação interpretada como intensa e intolerável em uma representação fraca. Ocorre, assim, a retirada do afeto de seu pensamento de origem, não restando com o que associá-lo, ou, ainda, recorrendo a uma associação alternativa, com menor impacto para o Eu.

Ao longo dos textos selecionados, encontramos o amadurecimento da ideia de que seria central para o Eu se defender de um conflito identificado, que nasce de um sofrimento primordial e adquire complexidade com o paulatino amadurecimento do psiquismo. Ao avançar em seus textos, Freud conclui que existe um caráter sexual constante naquilo contra o qual o Eu se defende, o que nos dá uma preciosa orientação para a compreensão de que esse conflito parece se estabelecer na concorrência entre o processo civilizatório e os instintos primitivos.

Encontramos, no Projeto para uma Psicologia Científica (1950[1985]/1996), a compreensão de que existem estruturas capazes de reter a informação acerca da maneira pela qual o Eu de cada indivíduo desenha suas reações primordialmente. Deduz-se, disso, a construção de um mecanismo que evolui de experiências primordiais, registradas por estruturas próprias do aparelho mental, para a complexa formação do aparelho psíquico. Essa evolução será a base que dará as coordenadas de como o Eu se portará diante de situações futuras.

Assim é descrito o conceito de defesa primária: nos primórdios da constituição do aparelho psíquico, seriam formas de organização neuronal cujo intuito seria armazenar, nos sistemas mnêmicos, quais estímulos deveriam ser evitados a fim de manter a existência desse ser. Com o amadurecimento do aparelho psíquico e o surgimento de diferentes estruturas que começam a ser vislumbradas ainda no “Projeto...”, ocorrem as diferenciações decorrentes desse processo de defesa primordial que acompanhará o indivíduo.

Nesse ponto, Freud busca delimitar manifestações patológicas oriundas das defesas como momentos em que as defesas se mostram evidentes, exacerbadas. Partindo disso, o autor destaca quais movimentos serão fundamentais para a constituição do Eu (Freud, 1896/1996).

A fundamental diferença com relação aos afetos tidos como normais e às suas expressões patológicas, manifesta-se, segundo o autor, no fato de serem expressões que não conduzem à resolução dos conflitos geradores desses afetos. São, portanto, movimentos executados por determinada parcela do aparelho mental que, embora sejam bem-sucedidos em desviar a percepção desse conflito originário, mantêm níveis de angústia que prejudicam o indivíduo. A conclusão desse movimento surge como o que é frequentemente apontado pelas pacientes como um afeto desmedido, ridículo, sem sentido.

Assim, em face de experiências que desencadeiam sensações potentes, o organismo desenvolve um padrão de resposta que, por ter contribuído para a manutenção da sua existência, mostrou-se efetivo e, então, registrou-se como um modo facilitado de promover um rápido escoamento da energia gerada por sensações primitivas e, portanto, arrebatadoras.

Para trazer maior detalhamento ao mecanismo das defesas primárias, o autor também nos apresentou a concepção de origem do Eu, como partícula fundamental da experiência e coordenação de respostas do indivíduo. Essa estrutura teria origem a partir de um processo educacional cujo objetivo é a manutenção da existência e a fruição de prazer, especializando-se para priorizar a evitação de desprazer e a aniquilação.

A fim de compreender o complexo movimento realizado pelo aparelho psíquico, surge a explicação de que uma existência fixada na fruição de prazer poderia não garantir a sobrevivência, favorecendo o estabelecimento de um estado de alucinação prazerosa incompatível com a manutenção da vida.

Assim, Freud nos apresenta o movimento pendular do aparelho psíquico, buscando o equilíbrio entre busca de prazer e evitação de desprazer. Destacamos que nossa atenção repousa sobre o processo de evitação de desprazer.

Dele, restaria (quando o Eu é bem-sucedido, mesmo que parcialmente, na evitação do desprazer) uma soma de excitação livre, nomeada de afeto. Este, então, utiliza-se de diferentes modos de se ligar ao aparelho mental, de forma menos afitiva para o aparelho psíquico, mas podendo investir, colateralmente, em representações que passam a se manifestar de maneira sintomática. De algum modo, resolve-se o conflito que originou o afeto angustiante, porém se mantém outro tipo de sofrimento com o qual o Eu precisa lidar.

Encerramos apontando para o encontro de Freud com as fantasias, a alternativa para a teoria da sedução e a percepção da importância do ambiente no qual o indivíduo irá se constituir como Eu, como parte do início do paulatino aumento de complexidade da concepção do aparelho psíquico, que toma como pilar as defesas, mais especificamente, o recalque.

Esse deslizamento conduz Freud da proposição de um edifício teórico sobre as psicopatologias para a elaboração de uma teoria geral a respeito da constituição do Eu. Assim, a noção de defesa, na obra freudiana, vai se tornando cada vez mais complexa e fundamental, abrindo espaço para a confirmação da presença de mecanismos de defesa como atividades constitutivas.

Com isso, vislumbramos a necessidade de realizar futuras pesquisas visando investigar as relações que parecem se estabelecer, a partir dos últimos escritos pré- psicanalíticos, entre fantasias e recalque e a possível conexão entre tal relação e os mecanismos de defesa ao longo do processo de construção da subjetividade.

REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1989). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. São Paulo: Artes Médicas.
- Castiel, S. Sibemberg, A., Firpo, L. & Martins da Silva, R. (2012). Defesa e trauma: do Projeto à atualidade. *Ágora*, 15 (1): 23-32. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/agora/a/P9F6MWsSdjkrvP9PVLtjCdf/?lang=pt>

- Freud, S. (1950 [1892 – 1899]/1996) Extratos dos documentos dirigidos à Fliess. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I, pp. 219 – 330. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1950 [1894]/1996) Carta 18. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I. pp. 233-234). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1893 – 1895/1996) Estudos sobre a Histeria. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. II. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1893/1996). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: comunicação preliminar. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V.II, pp. 39-53. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1894/1996). As neuropsicoses de defesa. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. III, pp. 51-72. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1950[1895]/1996). Projeto para uma psicologia científica. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. I, pp. 335-454. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1896/1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. III, pp. 159-183. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1898/1996). O Mecanismo Psíquico do Esquecimento. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. III, pp. 273-282. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1899/1996). Lembranças Encobridoras. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. III, pp. 285-304. Rio de Janeiro: Imago.
- Fróes, H. & Viana, T. (2013). As noções de inconsciente derivadas da teoria da defesa: primeiras elaborações freudianas. *Tempo psicanalítico*, 45(2): 267-285. Recuperado de: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000200003

- Garcia-Roza, L. A. (1988). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Vol. I. Rio de Janeiro: Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2004). *Vocabulário da psicanálise* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Monzani, L. R. (2015). *Freud e o movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sanches, A. & Bocchi, J. (2021). Defesa psíquica na primeira tópica freudiana: porque as pulsões são reprimidas? *Revista de Filosofia Aurora*, 33(58). Recuperado de: <https://www.redalyc.org/journal/6733/673373986015/html/>
- Silva, J. & Fontenele, L. (2012-1013). Considerações sobre a trajetória do conceito de defesa em Freud e sua retomada por Lacan. *Revista aSEPHallus*, 15, p. 13-34. Recuperado de: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21641/1/2013_art_lbfontenele.pdf
- Strachey, J. Introdução. In Freud, S. (1894/1996). As neuropsicoses de defesa. In: S. Freud. *Edição estândar das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. III, pp. 51-72. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 14/04/2021

Aceito em 02/09/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.